

**HERANÇA DE FERDINAND DE SAUSSURE
NO CENTENÁRIO DO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL**

José Pereira da Silva (UERJ)
jpsilva@filologia.org.br

RESUMO

No II Congresso Internacional de Linguística e Filologia e XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, o Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos homenageou o linguista e filólogo Ferdinand de Saussure, comemorando o centenário da edição do *Curso de Linguística Geral*, lançado em 1916. Na oportunidade, dezenas de trabalhos focalizaram aspectos da vida e da obra do homenageado, entre os quais alguns foram selecionados para constituir um número especial do volume XX dos *Cadernos do CNLF* e um volume impresso, que foi editado pela Editora Autografia, que intitulamos *A Herança de Ferdinand de Saussure*. Neste artigo, serão comentados alguns daqueles trabalhos ali publicados, transcrevendo fragmentos de importantes reflexões apresentadas por seus autores.

Palavras-chave: Linguística. Saussure e sua obra. *Curso de Linguística Geral*.

1. Considerações iniciais

Depois de seu famoso "Ensaio Para Reduzir as Palavras do Grego e do Alemão a um Pequeno Número de Raízes"²³ (aos 14 anos), de sua dissertação de mestrado *Memorial Sobre o Sistema Primitivo das Vogais nas Línguas Indo-Europeias*²⁴ (publicada em 1879) e de sua tese de doutorado *Sobre o Emprego do Genitivo Absoluto em Sânscrito*²⁵, defendida aos 22 anos, em 1880, como lembra a Profa. Luciana Moraes Barcelos Marques (2016),

Ferdinand de Saussure é mundialmente conhecido e intitulado pai da linguística moderna por uma obra não escrita, mas apenas atribuída a ele. Tendo isso em mente, há contextos em que o nome de Ferdinand de Saussure não precisa ser apresentado, nem sequer explicado à comunidade acadêmica. (MARQUES, 2016, p. 37)

Acho interessante registrar o que escreveram os organizadores de *Saussure, o Texto e o Discurso*, para definir o herdeiro e a herança inte-

²³ Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/27758199>>.

²⁴ Disponível em: <<https://archive.org/stream/memoiresurlesyst00saus#page/n5/mode/2up>>.

²⁵ Disponível em: <<https://archive.org/stream/delemploidugni00sausoft#page/n5/mode/2up>>.

lectual:

A construção de uma herança intelectual implica um duplo movimento, uma dupla definição: de um outro pensamento ou pensador, que desempenha o papel de um legado, e de si próprio, cuja função é a de legatário. Definir-se manifesta ou tacitamente como herdeiro é, antes de tudo, escolher: escolher uma obra do passado a ser citada, contestada, repetida, prolongada..., conforme a estratégia adotada. É também escolher no âmago dessa obra, é lhe fazer um inventário: quais seriam os conceitos a serem conservados? A qual Saussure se deve referir? Qual aspecto do *corpus* saussuriano privilegiar: o *CLG*, os cadernos dos estudantes, os "anagramas", as "lendas", os *Escritos de Linguística Geral*, os novos manuscritos? Quais deles devem ser reconhecidos como legítimos e quais devem ser rejeitados? A reivindicação de uma herança é, portanto, um gesto de triagem e de afirmação que incide simultaneamente sobre um passado que se constrói e sobre um conjunto de debates contemporâneos. (CRUZ; PIOVEZANI & TESTENOIRE, 2016, p. 8)

Metaforicamente, poderíamos considerar as heranças biológicas, psicológicas e sociais recebidas de nossos antepassados. Nem sempre são avaliadas ou prestigiadas do mesmo modo, mas, seja como for, sempre serão heranças e vão ter alguma influência na vida dos herdeiros.

Assim também é a herança de Saussure para a comunidade científica ocidental dos últimos cem anos. Dependendo do herdeiro e do seu posicionamento intelectual, foi recebida com desdém, com frieza, ou com calorosa empolgação.

Seja como for, tal herança foi conservada, desenvolvida ou modificada com o tempo, constituindo, hoje, um legado invejável para a comunidade científica, que ampliou sua influência e atingiu numerosas outras ciências, além de ter sido utilizado no desenvolvimento de diversos novos ramos dos estudos linguísticos, filológicos e literários.

O professor Valdir do Nascimento Flores (2017), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lembra que Elizabeth Roudinesco considera que "ser herdeiro, ao mesmo tempo fiel e infiel, é o que possibilitou a Jacques Derrida a posição de um intelectual universal", porque ele considera que é a herança que constrói o herdeiro, visto que "não se escolhe uma herança, ela se impõe ao herdeiro que, no entanto, pode escolher preservá-la viva ou condená-la à morte". (Cf. DERRIDA & ROUDINESCO, 2001, *apud* FLORES, 2017, p. 34)

Neste sentido, pode-se considerar que todos (ou quase todos!) os linguistas do século XX e do início do século XXI são herdeiros intelectuais, diretos ou indiretos de Ferdinand de Saussure.

2. O "discurso", as heranças e os destinos de Saussure na França

Segundo nos ensina o Prof. Christian Puech (2016)

Apesar dos quase dez anos de ensino de Saussure em Paris e da forte influência que ele exerceu sobre seus ouvintes na École Pratique des Hautes Études (de 1882 a 1889), as ideias do *Curso de Linguística Geral*

- (a) permaneceram, durante muito tempo, marginalizadas;
- (b) despertaram interesse apenas muito tardiamente (após a Segunda Guerra Mundial e no contexto do "estruturalismo generalizado", em que foram "amplificadas" e conhecidas por múltiplos intermediários);
- (c) e, enfim, apenas tardiamente promoveram uma busca pelo "verdadeiro pensamento" de Saussure por meio dos diferentes manuscritos disponíveis. (PUECH, 2016, p. 18)

Apesar da grande controvérsia sobre a influência de Saussure sobre Meillet e de Meillet sobre Saussure, vale destacar o que o próprio Meillet escreveu a respeito: "De minha parte, são poucas as páginas que publiquei sem ter um remorso de atribuir unicamente a mim o mérito: o pensamento de F. de Saussure era tão rico, que continuo tomado por ele". (MEILLET, 1936, p. 179, *apud* PUECH, 2016, p. 19)

Para Michel Foucault (1999), Ferdinand de Saussure representa a restauração de uma "ordem da língua" que contribui para recobrir a ordem do discurso, dificultando sua emergência, lembrando que

... foi preciso justamente que Saussure contornasse esse momento da fala, que foi capital para toda a filologia do século XIX, para restaurar, para além das formas históricas, a dimensão da língua em geral e reabrir, acima de tanto esquecimento, o velho problema do signo que animara, sem interrupção, todo o pensamento desde Port-Royal até os últimos ideólogos. (FOUCAULT, 1999, p. 305, *apud* PUECH, 2016, p. 32-33)

3. O que ainda se pode dizer sobre uma herança? Saussure e Jakobson

Em relação à herança saussuriana em Roman Jakobson, Françoise Gadet (1995) afirma que,

Contrariamente a outros linguistas *estruturalistas*, Roman Jakobson nunca se declara como herdeiro de Saussure, e menos ainda o único ou o verdadeiro herdeiro de Saussure. Saussure é para ele uma fonte de inspiração entre outras (e certamente não a mais importante)... (GADET, 1995, p. 439, *apud* MILANO & FLORES, 2016, p. 41)

Nas páginas seguintes Luiza Milano e Valdir do Nascimento Flores (2016) lembram que

... as noções de *metáfora* e *metonímia*, formuladas por Jakobson a partir de uma leitura muito específica de Saussure, abrem um campo de investigação acerca de mecanismos de construção do discurso que vão muito além da frase e mesmo do estritamente linguístico. A leitura de Jakobson, nesse aspecto, soube reconhecer as potencialidades da reflexão saussuriana, reinterpretando-a, de modo a dar lugar, a sua maneira, à passagem do sistema ao discurso; da linguagem verbal às diferentes linguagens; do linguístico ao semiológico. (MILANO & FLORES, 2016, p. 42-43)

Em 1977, ao proferir suas aulas em Nova York, Roman Jakobson afirma:

Saussure ensina-nos que aquilo que interessa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir esta das demais palavras, pois são estas diferenças que comportam a significação. O *Curso* lança a fórmula que mais tarde viria a ficar célebre: "os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas". Saussure chega a afirmar que o sistema destes fonemas claramente diferenciado, o *sistema fonológico*, como ele o designa, é a única realidade que interessa ao linguista no domínio fônico.

[...]

E, apesar das numerosas contradições da doutrina de Saussure, é a ele e a sua escola que devemos a segunda noção essencial para o estudo fundacional dos sons, a noção das relações entre os fonemas, numa palavra, a noção de *sistema fonológico*. (JAKOBSON, 1977, p. 44)

Ferdinand de Saussure é lembrado por Roman Jakobson, ao abordar o "duplo caráter da linguagem", que diz respeito aos dois modos de arranjo do signo linguístico: a seleção e a combinação, afirmando que "o papel principal que estas duas operações desempenham na linguagem foi claramente percebido por Ferdinand de Saussure" (JAKOBSON, 1974, p. 40), acrescentando:

A fim de delimitar os dois modos de arranjo, que descrevemos como sendo a combinação e a seleção, Ferdinand de Saussure estabeleceu que o primeiro "aparece *in praesentia*: baseia-se em dois ou vários termos igualmente presentes dentro de uma série efetiva", enquanto o segundo "une os termos *in absentia* como membros de uma série mnemônica virtual". (*Idem, ibidem, apud MILANO & FLORES, 2016, p. 51*)

Para Paul Ricoeur, o *núcleo da teoria* de Jakobson é *saussuriano*: "A nova associação do metafórico e do metonímico em Jakobson procede de uma distinção, no *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure, entre dois modos de coordenação dos signos: a combinação e a seleção". (RICOEUR, 2000, p. 270, *apud MILANO & FLORES, 2016, p. 53*)

Nas conclusões de seu trabalho, Luiza Milano e Valdir do Nasci-

mento Flores insistem que é da articulação dos polos metafórico e metonímico que resulta uma concepção teórica de linguagem, a que atribuem

Uma concepção estruturalista herdeira do pensamento saussuriano, sem dúvida, mas um estruturalismo que comporta o movimento [...]. Uma concepção de língua que reúne ao funcionamento metafórico e metonímico a possibilidade de subversão através da fala. Uma perspectiva da linguística que permite pensar que tanto na produção artística (poesia), como na produção desviante (afasia), o movimento da linguagem é que está em jogo.

[...] o entendimento de Jakobson acerca de metáfora e metonímia é a base de uma verdadeira teoria geral da linguagem e mesmo dos sistemas simbólicos. Essa teoria, de certa maneira, pode ser entendida como uma verdadeira semiologia, cujo fundamento saussuriano é evidente. (MILANO & FLORES, 2016, p. 58)

4. A gramática estrutural

Segundo nos informa o Prof. Anderson Rodrigues Marins,

A gramática estrutural, inclinada a uma tendência de analisar as línguas, desenvolveu-se a partir da primeira metade do século XX, sob influência das ideias de Ferdinand de Saussure, divulgadas mediante publicação póstuma de seu livro, *Curso de Linguística Geral*. Essas ideias inovaram os estudos da época, dando às pesquisas em linguística, principalmente na Europa, uma nova direção, diferente da que caracterizava a gramática histórico-comparativa (MARTELOTTA, 2010, p. 53). Não poderíamos compreender os incontáveis progressos verificados no quadro das ciências humanas sem antes compreendermos a elaboração do conceito de estrutura desenvolvido a partir das investigações do fenômeno da linguagem. Toda uma geração de pensadores, entre os quais Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Roland Barthes, evidencia em suas obras a contribuição pioneira de Ferdinand de Saussure relacionada à organização estrutural da linguagem. (MARINS, 2016, p. 22)

O Professor conclui a "Introdução" de seu trabalho afirmando que "Hoje, é irrefutável a presença das ideias do genial genebrino no seio da linguística, de modo que não há linguista hodierno que não lhe deva alguma coisa, nem teoria que não cite o seu nome". (MARINS, 2016, p. 24)

Parafraseando e sintetizando Maria Helena Duarte Marques, o Professor Anderson ainda lembra que

Alguns princípios que Ferdinand de Saussure propõe para discutir a linguagem influenciam os estudos semântico-linguísticos, como a diferença entre *langue* e *parole*, o conceito de língua como sistema de relações, a definição do plano da língua como objeto da linguística; as noções de signo linguístico, de significante e significado; os conceitos de significação e valor, assim como de

forma e substância; as perspectivas sincrônica e diacrônica do tratamento dos fatos da língua; além da visão de dois tipos de relações linguísticas complementares, nos planos paradigmático ou associativo e sintagmático ou combinatório. (MARQUES, 1990, *apud* MARINS, 2016, p. 32-33)

Por fim, conclui Anderson Marins:

Não restam dúvidas de que a linguística estrutural europeia lança raízes na dicotomia entre *língua* e *fala*. A *língua*, “um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012, p. 55), constitui o objeto da linguística, logo, da semântica. Tudo isso leva a se conceber as palavras como os elementos ou termos de um sistema de relações lexicais, de onde eles extraem sua significação diferencial ou valor, em detrimentos de concebê-las como simples denominações, cujo sentido seria subordinado a conceitos ou objetos preexistentes. (MARINS, 2016, p. 33)

5. Saussure e suas dicotomias: da concepção de língua à abertura para novas perspectivas de análise contemporâneas

Bruno Gomes Pereira e Jennifer Silva e Silva traçam um panorama sobre os estudos de Saussure, no que se refere às suas dicotomias, bem como sua influência em estudos no século XXI, lembrando que ele marcou época e influenciou toda uma geração de linguistas que sempre partia dos postulados de Ferdinand de Saussure, a partir de seu *Curso de Linguística Geral* para entender alguns fenômenos da linguagem.

Por meio de suas dicotomias, Ferdinand de Saussure influenciou várias vertentes dos estudos contemporâneos da linguagem, que se ramificou em várias correntes de pesquisas no século XX e XXI. A influência do Pai da Linguística Moderna é demasiadamente marcada na área dos estudos linguísticos que são, até hoje, retomadas, seja como ponto de partida, seja como uma concepção já não tão satisfatória aos olhos de teóricos mais contemporâneos. Entretanto, consideramos que não se trata de discordar ou não de Ferdinand de Saussure, mas sim de novas propostas para o estudo da língua e da linguagem que têm ganhado uma concepção mais social, cultural e antropológica nos últimos anos. (PEREIRA & SILVA E SILVA, 2016, p. 11-12)

Saussure, porém, não reduzia suas observações exclusivamente à língua como sistema, uma vez que considerava a necessidade de se estudar a língua e a linguagem a partir de outras perspectivas, embora essa não tenha sido a prioridade no *Curso*.

Acreditamos que os estudos saussurianos são fundamentais para que posamos entender muitas correntes dos estudos linguísticos contemporâneos, uma vez que todos eles, de alguma maneira, parte da ideia estruturalista de Ferdinand de Saussure, mesmo que não se considerem puramente como tal, o que é aceitável no advento das pesquisas atuais, as quais têm no discurso, na ideologia e na ideia de empoderamento novas possibilidades de estudar a lín-

gua. (*Idem, ibidem*)

Seus estudos são baseados em dicotomias – uma espécie de duplicidade semântica que os alicerça. Essa visão dicotômica sobre a língua oferece ao estruturalismo uma ideia de causa e consequência, aparentemente, na concepção de certo *versus* errado. Ou seja: "sincronia *versus* diacronia, língua *versus* fala, significante *versus* significado e sintagma *versus* paradigma". (*Idem, 2016, p. 14*)

Em sincronia *versus* diacronia, Ferdinand de Saussure (1995) apresenta a língua como instrumento marcado socialmente, ao compreender que a língua se manifesta de uma maneira a depender de seu contexto histórico. Entretanto, o autor não explora fatos históricos que podem desenvolver relações semânticas na estrutura linguística. (*Idem, ibidem*)

Já na dicotomia língua *versus* fala, o autor diferencia língua de fala. Para Ferdinand de Saussure (1995), a língua deve ser entendida como um conjunto de sistemas fechados em si, capazes de se estruturar a partir da concepção formalista desse conjunto de sistemas. Logo, a língua que se esgota nela mesma. Já a fala é uma ramificação da língua que não é de interesse do pesquisador problematizar. (PEREIRA & SILVA E SILVA, 2016, p. 15)

A dicotomia significante *versus* significado é, talvez, a dicotomia mais famosa dos estudos saussurianos. Trata-se da dicotomia que dá margem aos estudos sobre os signos linguísticos, muito utilizados em outras ramificações da linguística. Ferdinand de Saussure (1995) acredita que o signo linguístico é convencional e arbitrário, uma vez que não há nada na imanência do signo que lhe assegure determinada semanticidade. (*Idem, ibidem*)

Já a última dicotomia, sintagma *versus* paradigma, propõe a língua como um sistema sustentado em uma linha vertical e uma horizontal que se relacionam e constituem a estrutura linguística (SAUSSURE, 1995). Anos mais tarde, essa dicotomia serviria como ponto motivador para os estudos em morfologia (paradigma) e sintaxe (sintagma). (*Idem, p. 16*)

A morfologia e a sintaxe partiram da dicotomia saussuriana sintagma *versus* paradigma, de modo que podemos relacionar sintagma a sintaxe e paradigma a morfologia, com a possibilidade de abordagens que se autorrotulam como *morfofossintaxe*, devido à relação entre sintagma (sintaxe) e paradigma (morfologia). (Cf. PEREIRA & SILVA E SILVA, 2016, p. 18)

É importante lembrar também que "as correntes de estudos linguísticos atuais não se esgotam na ideia de língua como sistema", já que são levados em conta fatores extralinguísticos como a psicologia, o letramento, a sociopragmática etc. (Cf. PEREIRA & SILVA E SILVA, 2016, p. 20)

6. Lacan leitor de Saussure – o que se transmite 100 anos depois

Segundo Patrícia Alves Ribeiro e Bruno Molina Turra (2016), considerando que Freud antecipou o que Saussure chamou de relações associativas e sintagmáticas, ele é seu precursor no que diz respeito à função do sujeito falante no campo da linguagem. O que se lê em Lacan sobre a transmissão de Saussure se aproxima pouco do *Curso de Linguística Geral*, mas é um exercício de leitura que vê em Saussure o ponto de sustentação dos lapsos, dos chistes e dos esquecimentos. A partir da antecipação lógica da leitura lacaniana, fica claro que a não publicação dos anagramas ou de um livro de linguística escrito de próprio punho não impediu o efeito de transmissão de sua palavra, porque, tanto em Saussure quanto em Freud, o efeito de suas palavras é o deslocamento de todo um discurso. (Cf. RIBEIRO & TURRA, 2016, p. 79)

Segundo Christian Puech (2008), tal momento tem início em Nova Iorque, asilo de Jakobson, Lévi-Strauss e Ernst Cassirer, entre outros intelectuais europeus. É a partir das discussões desse grupo que, em 1945, Ernst Cassirer amplia a noção do termo estruturalismo, em artigo publicado na revista *Word*. Merleau-Ponty faz a ponte entre o círculo de Nova Iorque e o Velho Mundo, a partir de 1953, quando questiona o papel da língua e do sentido para a filosofia e para a história e atribui a Ferdinand de Saussure o esboço de uma nova filosofia da história.

Nesse período de estruturalismo generalizado,

o modo de referência a Saussure apenas se acentuará e radicalizar-se-á: o *Curso de Linguística Geral* não desempenha então seu papel de referência absoluta (uma referência que não é, ela própria, referida), senão através de uma série indefinida de mediações, de leituras de leituras, de prismas disciplinares cujos interesses são infinitamente diversos. (PUECH, 2008, p. 1100, *apud* RIBEIRO & TURRA, 2016, p. 80)²⁶

A leitura de Saussure que caracterizou o estruturalismo tinha como um de seus axiomas a exclusão do sujeito falante do escopo da linguística, não lendo nos textos do próprio Ferdinand de Saussure, o papel do sujeito falante. Tal maneira de ler o *Curso* lança luz a teorias que colocam o sujeito no centro, como o gerativismo, a sociolinguística e a análise do discurso. Nesse sentido, a reformulação do que se entendia por sujeito falante era pensada por diversos intelectuais no estruturalismo

²⁶ Para maiores informações, seria bom ler *Métodos Estruturalistas nas Ciências Sociais*, de Jean Viet (1967).

(anos 50 e 60), tendo o *Curso de Linguística Geral* como ponto de partida. (Cf. RIBEIRO & TURRA, 2016, p. 80-81)

Em 1954, em seu primeiro seminário, Jacques Lacan atesta a pertinência do texto de Santo Agostinho, referindo-se a Saussure, para a ter nele a chave da releitura de Freud:

Porventura não são esses mesmos os três registros [o sonho, o chiste e o ato falho] que foram objeto das três obras primordiais em que Freud descobriu as leis do inconsciente, e onde, se vocês as lerem ou rerelem com esta chave, terão a surpresa de constatar que Freud, ao enunciar essas leis em sua minúcia, só fez formular de antemão as que Ferdinand de Saussure só iria trazer à luz alguns anos depois, abrindo a trilha da linguística moderna? (LACAN, 1998, p. 448, *apud* RIBEIRO & TURRA, 2016, p. 81)

Em seus *Escritos de Linguística Geral*, vemos Ferdinand de Saussure numa posição bastante diferente da que encontramos no *Curso de Linguística Geral*, onde há uma leitura triangulada, resultante das "anotações dos alunos dos cursos de Genebra editadas por Bally e Sechehaye, que, vale lembrar, não assistiram aos cursos". Há uma tentativa de síntese explicitada pelos editores no prefácio da obra que se distancia das hesitações e retornos que ocorrem nos manuscritos. (Cf. RIBEIRO & TURRA, 2016, p. 84-85)

É aquela posição que interessa a Jacques Lacan, mais precisamente na pesquisa dos anagramas, que reconhecerá a essência dupla da linguagem, antecipando Ferdinand de Saussure. Em a "Instância da letra ou a razão desde Freud", o psicanalista afirma que, sem dúvida, aconteceu a Ferdinand de Saussure ter escutado a poesia e nela ter ouvido a polifonia, o que o teria levado a transpor a barra de seu algoritmo em vários sentidos ali comentados. (*Idem*, 2016, p. 85)

Ferdinand de Saussure, nos estudos sobre os anagramas, diz ter interrogado o monstro, operando apenas às cegas contra ele, "se amedronta com a coisa", admite o perigo de sua descoberta: a homofonia pode "ameaçar toda hipótese mais disciplinada", queda de saber universitário. Nos termos de Jacques Lacan, ao escutar a polifonia, a linearidade que Ferdinand de Saussure postulava como necessária à cadeia significante desmorona. É exatamente o que emerge como efeito desse ponto de tropeço que Jacques Lacan tomará como ponto essencial na construção do saber psicanalítico. (*Idem, ibidem*)

Nos *Escritos de Linguística Geral*, onde o texto descoberto em 1996 foi publicado, o que se evidencia é justamente a dificuldade de Ferdinand de Saussure em situar a linguística no rol das ciências clássicas. Há um "inconveniente fundamental que jamais se suprimirá da língua. Esse inconveniente, nós o apontamos como todos os outros pesquisadores: não há um único objeto material ao qual se aplique exatamente e exclusivamente uma palavra" (SAUSSU-

RE, 2012, p. 38). Portanto, “não há nenhum ponto de partida nem qualquer ponto de referência fixo na língua”. (SAUSSURE, 2012, p. 40, *apud* RIBEIRO & TURRA, 2016, p. 86)

Para a psicanálise, dois elementos importantes são aqui implicitamente apresentados: “a queda do referente e o deslocamento da noção de linguagem como representação”, quando Saussure postula uma “essência dupla da linguagem”: negativa e diferencial.

Jamais se compreenderá o suficiente da essência puramente negativa, puramente diferencial, de cada um dos elementos da linguagem, aos quais atribuímos precipitadamente uma existência: não há nenhum deles, em nenhuma ordem, que possua essa suposta existência [...] para formular de outra maneira, a menos talvez que empurrem os fatos até os limites da metafísica, ou da questão do conhecimento, de que pretendemos fazer plena abstração), ora parece que a ciência da linguagem é colocada à parte na medida em que os objetos que estão diante dela jamais têm realidade em si. (SAUSSURE, 2012, p. 61, *apud* RIBEIRO & TURRA, 2016, p. 86)

Não há sentido prévio, para Saussure, mas apenas efeitos de sentido. Portanto, o sentido se estabelece no encadeamento dos signos, sendo produzido como efeito desse encadeamento.

Como o próprio signo é função do significante, exigindo uma cadeia, ele não deve comportar em si nenhuma significação. Por isto,

ao ler o mestre genebrino a partir daquilo que lhe escapava, Jacques Lacan ressoa o que de fundamental ensinou Ferdinand de Saussure: a dupla essência não diz respeito à relação entre dois signos. Essa relação é necessariamente quádrupla, ou seja, não há uma anterioridade na relação significante-significado para então haver a relação entre signos. (RIBEIRO & TURRA, 2016, p. 87-88)

Foi preciso esperar até 1996 para ler no próprio linguista o que apontou Jacques Lacan. Escreveu Saussure: “A primeira expressão da realidade seria (...) só percebe a relação entre duas relações (...). É isso que chamamos de QUATERNION FINAL”. (p. 39-40, *apud* RIBEIRO & TURRA, 2016, p. 88)

E um pouco mais adiante:

– Como entender o extremo mal-entendido que domina as reflexões sobre a linguagem? Supõe-se que existem termos duplos que comportam uma forma, um corpo, um ser fonético – e uma significação, uma ideia [...] Dizemos, antes de tudo, [...], que esse ser é quádruplo. (SAUSSURE, 1996, p. 41-42, *apud* RIBEIRO & TURRA, 2016, p. 88)

7. Saussure e os estudos diacrônicos

Segundo Luciana Moraes Barcelos Marques (2016), Saussure, na primeira conferência proferida na segunda semana de novembro de 1881 (há exatamente 135 anos!...), quando iniciava sua docência na Universidade de Paris,

enfoca no primeiro aspecto da língua: a *continuidade no tempo*. Com isso, destaca-se que a língua não é fixa, imóvel; mas é contínua, ininterrupta. Qualquer língua, de qualquer povo, de qualquer realidade que seja, necessariamente obedece à primeira “lei da transmissão do falar humano”, pois “jamais em parte alguma se conhece, historicamente, uma ruptura na trama contínua da linguagem, e não se pode, logicamente e *a priori*, conceber que isso possa, jamais e em parte alguma, ocorrer” (SAUSSURE, 2004, p. 133). Essa afirmação peremptória se dá como uma negação a uma suposta ideia de que as línguas poderiam nascer, crescer e morrer, como um organismo biológico. (MARQUES, 2016, p. 42)

Mais adiante, Luciana Moraes Barcelos Marques (2016) lembra que "o peso da coletividade e do tempo imprime na língua uma tal fixidez que remonta a formação identitária de uma população".

Comprova-se o vínculo das duas discussões no *Curso de Linguística Geral*, quando este afirma que:

Não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças sociais para que se veja claramente que não é livre; a par de lembrar que constitui sempre herança de uma época precedente, deve-se acrescentar que essas forças sociais atuam em função do tempo. Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. (SAUSSURE, 1973, p. 88, *apud* MARQUES, 2016, p. 44)

Na conclusão de seu trabalho, Luciana Moraes Barcelos Marques (2016) acrescenta que Ferdinand de Saussure demonstra a complexidade dos estudos da linguagem na perspectiva da mutabilidade e da imutabilidade da língua e na perspectiva da sincronia e da diacronia, cujos pontos fundamentais perpassam tempo e espaço, continuidade e transformação.

Citando indiretamente Antoine Meillet, Luciana Moraes Barcelos Marques (2016) lembra que "Ferdinand de Saussure queria, sobretudo, destacar o contraste entre duas maneiras de se considerar os fatos linguísticos: o estudo da língua em um determinado momento e o estudo do desenvolvimento linguístico através do tempo". (MARQUES, 2016, p. 51)

Enfim, apesar de Saussure não ter usado literalmente as palavras sincronia e diacronia nas conferências de 1891, as bases dessa dualidade fulcral já estavam presentes naquele momento. O certo é que

Se aos 14 anos Ferdinand de Saussure havia elaborado um “ensaio falho” sobre um sistema geral das línguas, no curso de sua vida ele desenvolveu uma clareza de pesquisa universal que se aplica até às abordagens mais recentes: a compreensão dos recortes sincrônico e diacrônico, e o modo como os fatos da língua se desenvolvem no tempo e no espaço, verdades que valem para todas as línguas. (MARQUES, 2016, p. 52)

8. Considerações finais

Por serem muitos os artigos relativos a Ferdinand de Saussure publicados nos *Cadernos do CNLF*, foi necessário descartar alguns deles nesta oportunidade, por questão de limitação de espaço, deixando parte deles para uma possível nova oportunidade de voltarmos ao assunto.

Além dos artigos aqui comentados, foram publicados os seguintes trabalhos no número 13 do volume XX dos *Cadernos do CNLF* (2016) e no livro *A Herança de Ferdinand de Saussure* (2017): "Filologia, semiologia e outras contribuições de Saussure para a teoria literária e crítica" (de Camillo Cavalcanti), "Inquietações em torno de uma contradição: da distinção entre fonética e fonologia no *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure" (de Thaís de Araujo da Costa), "Lexicografia e pejoração no português brasileiro: notas dialógicas a partir de referências saussurianas" (de Anderson Salvaterra Magalhães), "Pressupostos teóricos da estrutura saussuriana no discurso psicanalítico lacaniano: linguagem e psicanálise" (de Rita de Cássia Gemino da Silva), "Saussure: formalismo e funcionalismo solidários" (de Marcelo Moraes Caetano) e "Seguindo Saussure: delineando a forma e a substância da *langue* e da *parole*" (de Terry Shortall), além de outros trabalhos apresentados no congresso, dos quais não foram publicados os textos completos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAETANO, Marcelo Moraes. Saussure: formalismo e funcionalismo solidários. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 158-163 e em SILVA (Org.), 2017, p. 209-218. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/011.pdf>.

CAVALCANTI, Camillo. Filologia, semiologia e outras contribuições de Saussure para a teoria literária e crítica. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de

Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 105-120 e em SILVA (Org.), 2017, p. 63-86. Disponível em:
<http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/008.pdf>.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, Thaís de Araujo da. Inquietações em torno de uma contradição: da distinção entre fonética e fonologia no *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 121-138 e em SILVA (Org.), 2017, p. 87-110. Disponível em:
<http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/009.pdf>.

CRUZ, Marcio Alexandre; PIOVEZANI, Carlos; TESTENOIRE, Pierre-Yves. Apresentação: Saussure dos dois lados do Atlântico. In: ____; ____; _____. (Orgs.). *Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola, 2016, p. 7-12.

CRUZ, Marcio Alexandre; PIOVEZANI, Carlos; TESTENOIRE, Pierre-Yves. (Orgs.). *Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola, 2016.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. *De quoi demain... Dialogue*. Paris: Fayard, 2001.

FLORES, Valdir do Nascimento. Recepção da linguística de Ferdinand de Saussure no Brasil. In: *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola, 2017, p. 15-45.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GADET, Françoise. Jakobson sous le pavillon sausurien. In: *LINX, Saussure Aujourd'hui*, n. 7, sob a direção de Michel Arrivé e Claudine Normand, 1995. [Edição eletrônica de julho de 2012]. Disponível em:
<<http://linx.revues.org/1238>>.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 34-62.

_____. Seis lições sobre o som e o sentido. Prefácio de Claude Lévy

Strauss. Trad.: Luís Miguel Cintra. Lisboa: Moraes, 1977.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. Lexicografia e pejoração no português brasileiro: notas dialógicas a partir de referências saussurianas. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 139-157 e em SILVA (Org.), 2017, p. 127-154. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/010.pdf>

MARINS, Ânderson Rodrigues. A gramática estrutural. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 22-36 e em SILVA (Org.), 2017, p. 15-32. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/002.pdf>.

MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. Percursos de Saussure: do jovem pesquisador às três primeiras conferências em Genebra. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 37-53 e em SILVA (Org.), 2017, p. 155-178. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/003.pdf>.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: _____. (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

MILANO, Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento. O que se pode dizer sobre uma herança? Saussure e Jakobson. In: CRUZ, Marcio Alexandre; PIOVEZANI, Carlos; TESTENOIRE, Pierre-Yves (Orgs.). *Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola, 2016, p. 39-59.

PEREIRA, Bruno Gomes Pereira; SILVA E SILVA, Jennifer. Saussure e suas dicotomias: da concepção de língua à abertura para novas perspectivas de análise contemporâneas. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 11-21 e em SILVA (Org.), 2017, p. 195-208. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/001.pdf>.

PUECH, Christian. O "discurso", as heranças e os destinos de Saussure

na França. Trad.: Carlos Piovezani, Marcio Alexandre Cruz, Jocenilson Ribeiro dos Santos e Israel de Sá. In: CRUZ, Marcio Alexandre; PIOVEZANI, Carlos; TESTENOIRE, Pierre-Yves (Orgs.). *Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola, 2016, p. 13-37.

RIBEIRO, Patrícia Alves; TURRA, Bruno Molina. Lacan leitor de Saussure – o que se transmite 100 anos depois. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 79-90 e em SILVA (Org.), 2017, p. 111-126. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/006.pdf.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad.: Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

SHORTALL, Terry. Seguindo Saussure: delineando a forma e a substância da *langue* e da *parole*. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 65-78 e em SILVA (Org.), 2017, p. 219-237. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/005.pdf.

SILVA, José Pereira da. A diacronia segundo Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*. In: BATISTA, Adriana Santos; PEREIRA, Aline Maria dos Santos; KALLARRARI, Celso. (Orgs.). *Linguística e ensino de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Opção, 2014, p. 33-42.

_____. Diacronia no *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. In: _____. (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 105-118 e em SILVA (Org.), 2017, p. 43-62. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/007.pdf.

_____. (Org.). *A Herança de Ferdinand de Saussure*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

_____. (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/CNLF_XX_13.pdf.

SILVA, Rita de Cássia Gemino da. Pressupostos teóricos da estrutura saussuriana no discurso psicanalítico lacaniano: linguagem e psicanálise. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 13: A

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

herança de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 54-64 e em SILVA (Org.), 2017, p. 195-108. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_13/004.pdf.

VIET, Jean. *Métodos estruturalistas nas ciências sociais*. Trad.: Carlos Henrique de Escobar. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.